2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 29. QUINTA FEIRA, 27 DE JANEIRO. DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CLASSIFICAÇÃO DAS PLANTAS NO JARDIM BOTANICO DA AJUDA.

Os melhoramentos ultimamente introduzidos no jardim botanico da Ajuda parecem-nos dignos de serem publicados, para que os homens da sciencia os possam devidamente avaliar.

As plantas deste estabelecimento, que formam propriamente a escóla pratica de botanica, achamse classificadas segundo o *methodo natural de Lindley*, e segundo o *systema sexual de Linneu.*

O plano superior do jardim foi para este effeito disposto em duas grandes divisões, n'uma das quaes se observam as ordens ou familias naturaes da classificação de Lindley; e na outra a distribuição artificial das especies pelas 24 classes do systema do naturalista sueco.

A confrontação destas duas classificações assim collocadas em face uma da outra, não podia deixar de ser muito instructiva e curiosa.

Os alumnos, e os conhecedores da sciencia, podem estudar alli melhor do que nos livros, tanto as vantagens como os inconvenientes dos *methodos naturaes* e dos *systemas artificiaes;* e comparando-os nas suas bases e nos seus resultados podem conhecer tudo o que os primeiros tem de philosophico e de methodico, e tudo o que os segundos tem de engenhoso e de pratico.

Uma classificação botanica, para se considerar perfeita, deve satisfazer a estas duas condições — *determinar com facilidade o nome systematico das plantas;* e *distribuil-as em grupos naturaes segundo as suas afinidades organicas, de maneira que cada um destes grupos se encontre na serie da classificação em proximidade daquelles que tiverem com elle um maior numero de analogias.*

Todas as pessoas, a quem não são desconhecidos os principios da taxonomia vegetal, sabem que infelizmente não existe por ora classificação botanica, que reuna de um modo satisfactorio estas duas condições, dando-se a primeira mais especialmente nos systemas artificiaes, e a segunda nos methodos naturaes.

É portanto necessario que nos sirvamos simultaneamente destas duas castas de classificação para attingirmos aquelle duplo resultado.

E na verdade com o auxilio dos systemas artificiaes reduzimos, isolamos, denominamos a planta com uma certa facilidade, uma vez que ella tenha já sido descripta; mas estes systemas só nos revelam o nome do vegetal, dando-nos uma muito escaça idéa da sua organisação; só auxiliam o trabalho mechanico da memoria, mas não nos facilitam o trabalho philosophico da comparação. Os methodos pelo contrario, marchando passo a passo com a natureza, associam as plantas em grupos naturaes, reunem um certo numero de *especies* analogas em *generos*, um certo numero de generos, que tem entre si grandes e manifestas afinidades organicas, em *familias*, um certo numero de familias ligadas por um elevado caracter commum em *allianças;* e estas finalmente em grupos fundamentaes ou *classes.*

Os methodos estudam portanto a structura intima dos vegetaes, investigam as harmonias organicas, pesam o valor das afinidades e dos caracteres; e vão assim distribuindo as plantas n'uma serie successiva physiologica e gradual.

O methodo é portanto o complemento do sys-

tema; este abre-nos o vestibulo da sciencia, aquelle faz-nos entrar nos seus penetraes para ahi nos patentear os segredos e as leis da organisação.

Vê-se pois que n'uma escóla pratica de botanica é muito conveniente que se possam confrontar estas duas castas de classificação; e então estimámos muito vêr adoptada esta idéa no jardim botanico da Ajuda.

Tambem nos pareceu muito acertada a escolha dos dois systemas taxonomicos alli adoptados. O *methodo natural de Lindley* é talvez o mais perfeito d'entre todos os que enriquecem o dominio da sciencia. E o *systema artificial de Linneu* é o mais engenhoso e pratico de quantos até hoje se tem publicado.

A obra de Lindley publicada em 1845 e intitulada *The vegetable Kingdora*, esta vasta obra á qual é applicado aquelle methodo taxonomico, é um trabalho monumental e precioso, que a sciencia já registou nos seus archivos ao lado do *Systema vegetabilium* de Linneu, do *Prodromus* de De candolle, do *Genera plantarum* de Endlicher, da *Enumeratio plantarum* de Kunth, e de outros trabalhos deste elevado merecimento.

Além de muitos outros aperfeiçoamentos introduzidos neste methodo, em relação aos que o antecederam, Lindley encheu o vasio que se notava nos methodos de Jussieu e De candolle estabelecendo os grupos que chamou *allianças*, e distribuindo por elles as 303 familias ou ordens naturaes que descreve; facilitando assim o descenso das classes até ás divisões formadas pela associação dos generos. Este alvitre era uma flagrante necessidade já reconhecida por Endlicher e prevenida por Brongniard no methodo ha pouco tempo instituido no jardim das plantas de Paris.

Além disto as familias ou ordens naturaes são na obra de Lindley accuradamente descriptas, e o seu numero é superior ao dos methodos mais acreditados. E na verdade Jussieu sómente descreveu 100 familias, De candolle indicou 161, Bartling 255, Endlicher 280, Brongniard 296, ao passo que Lindley descreveu como já dissemos 303.

Todas estas rasões pois e muitas outras que omittimos justificam a preferencia dada no jardim da Ajuda ao moderno methodo do celebre botanico inglez.

O systema sexual de Linneu com as modificações, que nelle introduzira o celebre phitographo *Sprengel* é ainda o mais perfeito de todos os systemas artificiaes. Esta engenhosa classificação, que eclipsou todas as do seu tempo, foi desde logo acolhida com um enthusiasmo que ainda não se extinguiu. O systema deste dictador da sciencia conta mais de um seculo de edade, e ainda os Sprengels, os Wildenows e muitos outros botanicos vasam naquelle molde as suas obras immortaes.

As mais bellas collecções da Europa acham-se egualmente dispostas segundo aquelle systema: e esse *herbario typo* hoje consultado por todos os taxonomistas, essa famosa collecção de M. *Delessert*, que conta actualmente 86:000 especies de plantas seccas [1] acha-se classificada segundo o systema Linneano modificado por Sprengel.

Vê-se por tanto que na escolha destas duas classificações foram atendidos os interesses do ensino, e as indicações da sciencia.

Além da eschola pratica de botanica collocada no plano superior do jardim, encontra-se no plano inferior da grande cascata de marmore um *horto de plantas medicinaes* e outro de *plantas economicas e industriaes*.

A primeira destas collecções acha-se classificada pelo systema do dr. Brotero. É uma homenagem rendida ao nosso insigne phitographo, que dotou o paiz com a *Flora lusitanica*, e enriquiceu a sciencia com trabalhos de grande valia. Era justo que no estabelecimento que elle dirigira até ao fim de seus dias se levantasse um padrão, ainda que modesto e humilde, á sua memoria!

A segunda collecção, a das plantas economicas e industriaes, está disposta em familias naturaes segundo o methodo de De Candolle, que é um dos mais seguidos na Europa.

Estas duas collecções modernamente introduzidas no estabellecimento são destinadas a facilitar o estudo da botanica applicada tanto á medicina como á economia domestica e industrial.

O estado em que este bello estabelecimento existia, quando foi annexado á eschola polytechnica, era como todos sabem deploravel. De-

[1] Em 1845 existiam descriptas 95:000 especies botanicas. Hoje é provavel que o numero das especies conhecidas ascenda a 100:000. M. De candolle avalia em 120:000 o numero de todos os vegetaes que existem no seio das aguas e á superficie da terra. *Roemer* eleva este numero a 300:000 e *Endlicher* a 250:000. — No *Herbario* de M. Delessert vem por tanto a faltar das especies descriptas apenas 14:000.

baixo da direcção do actual lente de botanica e mediante a intervenção do dr. Welwitch foram desde logo introduzidas no jardim bastantes especies. Depois da saída deste distincto botanico do estabelecimento, saída que teve logar haverá coisa de nove annos, o jardim tem sido progressivamente melhorado tanto pelo que respeita ao numero das especies cultivadas, como pelo que respeita aos systemas de classificação recentemente introduzidos.

Hoje cultivam-se alli para cima de 2:000 especies, e poderiam cultivar-se outras tantas, se a dotação do estabelecimento estivesse em relação com as necessidades do serviço, e com as exigencias do ensino e da sciencia. Mas aquella dotação representa apenas um terço da que era atribuida ao jardim no tempo da direcção do dr. Brotero! — Fujamos de commentar esta triste mesquinhez; mas deploremos que um estabelecimento tão opulentamente construido, com tão vastas estufas, com arvores e plantas exoticas e indigenas formosissimas, admiradas por nacionaes e estrangeiros, não seja ajudado mais efficazmente pelo governo!

X

FABRICO DA SODA EM PORTUGAL.

N'um artigo que se publicou na *Revolução de Setembro* — em 31 de agosto — sobre a reforma das pautas, disse eu: — que nenhuma fabrica de soda, neste paiz, por melhores que fossem as condições, em que se achasse estabelecida, poderia (actualmeute) concorrer com a soda ingleza, a qual, em virtude da reducção dos direitos, viria a custar em Lisboa pouco mais ou menos 1$000 rs. por arroba. — Esta asserção suscitou a proposta que um dos membros da *Associação Industrial Portuense* apresentou em sessão de 8 de setembro com o fim de convidar o sr. Betamio de Almeida a fornecer áquella sociedade todos os esclarecimentos, que podessem elucidar a questão, ainda controversa da fabricação da soda em Portugal.

No n.º 9 do jornal daquella benemerita e esperançosa associação começou a aparecer a publicação dos *apontamentos sobre o fabrico da soda* em que o sr. Betamio de Almeida apresenta as suas idéas, e os resultados do seu estudo sobre a questão proposta. O n.º 10 do mesmo jornal traz o seguimento daquelles apontamentos, cuja continuação nos promette ainda para os seguintes numeros.

Foi com verdadeiro prazer que vimos aparecer a lume este importante e serio trabalho do sr. Almeida, com cuja amizade nos honramos e a quem desde muito consagramos particular affeição. Temos tido occasiões de apreciar o seu merecimento, que é muito, e folgamos agora discutir com elle esta questão tão interessante para a industria nascente deste nosso paiz, e desde já faremos a confissão sincera de que muito desejamos que nesta discussão seja vencedor o nosso adversario, porque o triumpho da sua opinião é mais conveniente ao paiz, e nós antepomos a tudo o bem da nossa patria.

O sr. Almeida, no seu primeiro artigo, simplificou talvez demasiadamente a questão proposta na Associação Industrial, reduzindo-a ás duas seguintes perguntas:

1.ª Poderá Portugal fabricar soda sem os direitos protectores?

2.ª Poderá Portugal vir a exportar soda?

As suas respostas são affirmativas para ambas as perguntas; mas as suas demonstrações não nos convencem cabalmente, apesar da boa disposição dos seus argumentos, da clareza dos seus calculos, e até do desejo, que sinceramente temos, de ser convencidos: e parece-nos que ellas peccam, senão em quanto á fórma, pelos menos na materia. *Uma conta de sommar póde estar certa mesmo quando o sugeito que a fez faltou ás conveniencias*, como diz o bom philosopho contemporaneo a quem se refere o sr. Almeida, mas a prova da certeza de uma conta de sommar não prova que as adições sommadas sejam as que deviam sommar-se.

Examinemos primeiro se as duas perguntas, feitas pelo sr. Almeida, são sufficientes para nos conduzir á completa resolução da questão.

Em quanto á primeira devemos distinguir o estado actual das coisas daquelle que para o futuro póde e deve vir a acontecer. Nós substituiriamos ás suas as seguintes perguntas:

1.ª O fabrico actual da soda em Portugal póde viver independente dos direitos protectores?

2.ª Póde, com o andar dos tempos, radicar-se entre nós esta industria e viver sem a protecção das pautas?

3.ª Conviria tirar desde já, a todo o custo, a protecção ao fabrico da soda e do acido sulfurico?

4.ª Finalmente, podemos nós ser já, ou vir a ser algum dia, exportadores de soda para os mercados, que são hoje fornecidos pelos productores inglezes e francezes?

Eis aqui as perguntas em que no nosso intender se desdobra a questão proposta na Associação Industrial Portuense. Da solução affirmativa das primeiras tres depende a nossa 4.ª pergunta, ou a 2.ª do sr. Almeida; pois, uma vez demonstrado que podemos no nosso proprio paiz competir com os fabricantes inglezes, sem o favor da taxa protectora, está claro que podemos exportar a soda com muita vantagem a concorrer todos os mais productores em qualquer mercado, porque na realidade são hoje os inglezes que fabricam aquelle producto mais em conta e o levam por menos preço a todos os mercados que o systema restrictivo lhes deixa ainda abertos.

Antes de entrar no exame das demonstrações feitas pelo sr. Almeida, diremos sobre as nossas primeiras perguntas alguma coisa, que nos parece indispensavel para a perfeita intelligencia desta questão.

N'um paiz, que quer fomentar os diversos ramos da industria fabril, e que não tem facil communicação com os outros centros productores de productos chymicos, é indispensavel que exista em actividade permanente a fabricação da soda e do acido sulfurico. Neste caso estamos nós, que não communicamos commercialmente com os outros povos industriaes senão por mar.

A soda e o acido sulfurico são, como justamente diz o sr. Almeida, o *pão* e a *agua* da industria fabril — o fabrico do sabão, o dos vidros, as tinturarias, as estamparias, as fabricas de papel, as das velas stearinas, as dos productos chymicos para artes e medicina, e muitas mais, e quasi todas necessitam daquelles alimentos sem os quaes não ha trabalho possivel. Um paiz que possue, ou pertende possuir, todas estas industrias e que não tem acido sulfurico nem soda, claro é, que os ha de receber dos productores estranhos. Lisboa, senão tivesse a pouca distancia uma fabrica como a da Verdelha, teria hoje de fornecer-se com o acido sulfurico de Rouen e com a soda de New-Castle ou de Liverpool, e os nossos fabricantes, mesmo no caso de livre commercio, teriam aproximadamente o acido sulfurico por 6.000 os 100 kilog. em vez de 6.620, que é o que hoje pagam pelo da Verdelha; e receberiam a soda ingleza de 75.° D. por pouco menos do preço porque se vende a portugueza de egual graduação. Se os fabricantes podessem contar com a rapidez das communicações e com a exactidão das remessas como os outros paizes, que vivem na communhão europea, não seria a extincção dos direitos prejudicial senão aos actuaes productores portuguezes do acido sulfurico e soda, os quaes, por serem os primeiros que se abalançaram a estabelecer uma industria nova no paiz, sem possuirem nenhuma das condições favoraveis, que fazem logo prosperar desde a sua fundação os estabelecimentos fabris, teem vencido grandes difficuldades para poderem aproximar-se das fabricações normaes daquelles productos. Mas esta solução de continuidade, que a ausencia de communicações faceis e seguras estabeleceu entre nós e o resto da Europa, faz com que a nossa industria não possa prescindir da producção nacional do acido e da soda. Um inverno aturado e tempestuoso, como o actual, interrompendo a navegação obrigaria muitas fabricas a parar com o seu trabalho, como actualmente acontece pela falta de carvão, que desde o mez de outubro não poude ainda desembarcar neste porto, dando esta falta logar até a que a companhia da illuminação por gaz, tendo já exhaurido todos os seus depositos e os alheios, se veja obrigada a distilar oleos, resinas, lenha de pinho e outras materias que compra por preço incomparavelmente maior do que o da melhor lenha de New-Castle. Quando a fabrica da Verdelha não fazia, pela má vida em que vivia, acido sulfurico bastante para o consumo, muitas vezes se vendeu aqui o acido francez a 60 rs., e mais ainda, o arratel: algumas vezes o contracto do sabão, em momentos de penuria, despachou na alfandega soda ingleza, pagando a antiga taxa de 2$400 rs. por arroba, ficando-lhe por conseguinte aquelle genero proximamente a 3$600 rs. Hoje, que a fabrica da Verdelha entrou em vida regular, nunca falta o acido nem a soda, nem o chlorureto de cal aos consumidores, que podem estar certos de que os teem sempre pelo mesmo preço, em qualquer epocha do anno, e estes preços, seja dito de passagem são ainda bem inferiores áquelles que o sr. Almeida tinha estabelecido no seu *prix courant* da fabrica que dirigiu em S. Diniz, proximo de Paris; pois que nelles encontramos o acido sulfurico do commercio cotado em 40 centimos o kilog. ou 35 rs. o arratel, e o carbonato de soda a 50 centimos o kilog., que corresponde a 1$400 rs. a arroba; em quanto o acido se vende aqui a 30 rs. o arratel e a soda a 1$200 rs. a arroba. O que falta hoje á fabrica da Verdelha é quem consuma os productos que ella póde fabricar. Sendo tão escaço o actual consumo interno, sendo grande o capital empregado na fabrica, sendo pouco favoraveis as condições do seu material e pessoal (quero fallar dos operarios), não póde ainda hoje a Verdelha produzir por um preço tal, que possa concorrer com os productos da fabricação ingleza; por isso, e principalmente porque não seria prudente deixar as muitas industrias, que consomem acido e soda, á mercê das tempestades do Oceano, é justo, prudente e rasoavel, que se mantenha a protecção actual em proveito de todos, e que se não ponham em risco tantos interesses reaes, só com a vaga esperança dos prosperos resultados de uma empreza, que ainda está em projecto.

Não é nossa intenção, com isto que levamos dito, sustentar que deva conservar-se indefinidamente a actual protecção, e logo que outras emprezas do mesmo genero hajam demonstrado praticamente o que o sr. Almeida pertende hoje fazer com os seus raciocinios, deve reformar-se e até abolir-se a taxa que actualmente peza sobre a importação estrangeira dos productos em questão. Nós, que conhecemos a fabrica da Verdelha, havemos demonstrar noste artigo, que ella não póde actualmente prescindir da protecção das pautas, e que é muito contestavel que as fabricas que se levantarem hoje possam, antes que o consumo interno haja tomado maior extensão, manter-se, e viver só da exportação, concorrendo vantajosamente com as de Inglaterra nos mercados estrangeiros.

Parecerá talvez temeraria esta nossa asserção á vista dos calculos apresentados pelo sr. Almeida no n.° 10 do *Jornal da Associação industrial;* porém nós pediremos licença ao nosso amigo para substituir aos elementos de que se serviu, isto é aos pre-

ços das materias primeiras postas em Aveiro, os que elles teem realmente aqui em Lisboa, que parece pela natureza das coisas estar em melhores condições commerciaes do que as da localidade escolhida pelo sr. Almeida para o estabelecimento da sua fabrica.

O seu quadro comparativo offerece para as seguintes materias os seguintes preços aos quaes opomos os que ellas tem em Lisboa e na Verdelha,

MATERIAS PRIMEIRAS E ACCESSORIAS	EM AVEIRO	EM LISBOA
Sal marinho os 100 kilogramos	De 60 a 145 rs.	De 77 a 100 rs.
Enxofre — idem	De 2$240 a 2$560	3$065
Hulha — idem	340	428
Pedra calcarea britada — idem	80	140
Nitrato de soda — idem	4$350	9$310

E quanto ao jornal dos operarios a differença é tambem grande, e basta dizer que na Verdelha um forneiro de soda bruta ganha 320 réis diarios; os dos fornos do sulfato 280 réis; os do apparelho e fornos de refinação 240 réis; e os trabalhadores ordinarios 200 réis.

No proximo numero deste jornal desenvolveremos estes dados appresentando uma conta da fabricação normal da Verdelha e mencionaremos francamente as duvidas que temos sobre a exactidão dos calculos do sr. Almeida.

Lisboa 24 de janeiro de 1853.

J. PIMENTEL.

(Continúa.)

MEIO DE DESTRUIR AS HERVAS PARASITAS.

Ha hervas rasteiras que damnificam as ruas dos jardins e a calçada dos pateos. Extinguem-se pelo seguinte methodo. Ferva-se n'uma caldeira de ferro uma quantidade de agua, juntando a cada quatro almudes doze arrateis de cal, e dois a tres arrateis de enxofre em pó; cumpre que esta mistura ferva por algum tempo, movendo-se de quando em quando. Depois rega-se com este liquido juntando-lhe dois tantos de agua limpa: ver-se-ha que desapparecem aquellas vegetações pertinazes.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXIX.

DEPOIS DAS CAUSAS OS EFFEITOS!

(Continuado de pag. 333.)

Em quanto o jesuita pensativo e vagaroso se encaminha ao castello, e fr. João alterado se apressa em direcção á casa de Lourenço Telles, entremos na prisão de Jeronymo, donde se retirava mais satisfeito das suas deligencias o corregedor do crime do bairro do Rocio, Caetano da Silva Sotto Maior. O Camões tinha sido encarregado por el-rei de instruir secretamente o processo do capitão, e de penetrar o motivo do seu encontro com o principe D. João V; não fazia caso da offensa feita á sua pessoa pelas armas do mancebo; duelista por inclinação, dado a aventuras, a esperas, e a galanteios nocturnos estava mnito costumado a dar e a receber cutiladas á esquina das ruas, ou nas encrusilhadas para converter em crime de lesa-magestade um passe de espada preta. A causa verdadeira do seu rigor era diversa. A injuria do monarcha não servia de pretexto aos zelos do amante? O sangue de Cecilia corrêra diante delle, e para o vingar, ser-lhe-hia licito empregar o cutello das

leis, já que a grandeza do throno lhe não permittia obter o desaggravo pelas suas mãos? Mas até no meio dos transportes, e dos juramentos, que lhe escapavam contra o mancebo, o seu coração o accusava e a voz da justiça o fazia estremecer!

Nascera rei, com uma alma nobre e egual á dignidade. Em todas as acções passadas o primeiro impeto não sabia saír dos lances difficultosos, senão pela porta, que preferem os grandes principes, e ignoram os tyrannos; vingava-se triumphando pela clemencia e pela magnanimidade! No calor da mocidade, tomado apenas o peso ao sceptro, e senhor do poder real era um desforço baixo, uma oppressão iniqua. Por isso incumbira o Camões de sondar os sentimentos do pupillo de Lourenço Telles, e de conhecer se o amor o tinha levado aos excessos que o soberano podia punir, mas que o homem segundo as leis da honra devia esquecer, sob pena de ficar mal aos seus proprios olhos. Jeronymo era seu rival? Cecilia amava-o ainda ou tinha-o amado? Eis as perguntas que o seu espirito perplexo repetia sem cessar; e a que o inquieto ciume respondia cravando-lhe o peito de espinhos e de dores.

O Camões, que principiava a alcançar o valimento, que o tornou depois tão celebre, era o homem menos apto para pintar de negro, com as tintas criminaes um acto cuja culpa cabia ao principe. Repugnava-lhe o officio de verdugo de becca e recusaria a commissão se ella lhe não proporcionasse meios de salvar da mancebo da affronta de penas infamantes, e o rei a nodoa de uma acção vil. Sem o conhecer de perto interessou-se logo por Jeronymo; e o que as informações lhe referiram acerca do seu valor e da sua audacia veio augmentar ainda mais a simpathia. Apesar de inconstante nos galanteios era poeta, e pela imaginação comprehendia as elegias em acção. Espirituoso cavalheiro e amigo de aventuras não pedia de joelhos a benevolencia do soberano; sabia ganhal-a á maneira de Quevedo Villegas pelo juiso picante das criticas, pelos repentes atrevidos dos gracejos, e pela distancia bem guardada durante as intimas confidencias até entre o monarcha e o vassallo.

Nos primeiros dias da catastrophe, o corregedor do crime ouviu callado, mas sem disfarçar que o silencio era desaprovador, as ordens severas de D. João V contra o mancebo, tomando sobre si a liberdade de executar apenas o que lhe parecia justo. Amansadas as iras, e rota a tempestade com a certeza das melhoras de Cecilia, o juiz atreveu-se a insinuar ao principe a clemencia como uma necessidade e um dever, afim de se evitar o estrepito em um lance, que involvia o caracter do imperante e a honra de uma dama. Pouco a pouco os ouvidos do rei abriram-se á verdade e escutaram-na; acabando por affiançar que o delicto, que não podia perdoar era só o golpe descarregado no seio innocente da donzella por um homem, que sendo soldado, se abaixara a manchar a espada em tal vingança. « Todo o odio que lhe tenho provem disto, » disse s. magestade. « Deus me livre da idéa de o accusar porque se defendeu de quem lhe punha o florete aos peitos. Mas o ferro, que não se desviou do peito de uma dama, hade ser quebrado para não envergonhar as minhas armas! » Estas palavras proferidas com paixão advertiram o corregedor de que não seria prudente insistir, magoando feridas mal cicatrizadas. « Deixemos socegar o amante; vejamos se elle se cura do ciume; » pensava o Camões; « e quanto ao resto, Deus é grande! a justiça de el-rei nos valerá. »

Neste proposito todas as manhãas, não como juiz, mas como amigo, visitava o prezo. O estado, em que Jeronymo cahiu logo ao segundo dia, peorando sensivelmente, assustava-o. O amante de Thereza recebia com gratidão os testimunhos de sympathia do magistrado; ouvia com prazer as anedoctas, que alegravam a sua conversação; e quando menos melancolico e prostrado fazia um esforço, e procurava tambem corresponder narrando no estilo animado com que o homem de acção costuma pintar algumas das scenas grandiosas da sua juventude. Se por acaso, porém, uma allusão, posto que leve, lhe suscitava os successos da noite, em que perdêra todas as esperanças e a liberdade, abysmava-se em subita tristeza, arrazavam-se-lhe os olhos d'agua, e fechava-se em um silencio, que durava horas, e de que não sahia senão para entrar em accessos cada vez mais graves. Aquella alma habituada a medir-se com as tormentas do mar e com as vicessitudes da guerra, ferida mortalmente, sucumbia sem voz e sem força não querendo sobreviver á saudade, e ás penas de uma separação eterna. O seu desejo era livrar-se da existencia, tão pesada desde que se via só no mundo. pedindo a Deus a paz do tumulo, e o somno profundo do soldado, cahindo no seu leito de batalha!...

Outras vezes, acordando em sobresalto da apathia, que o entorpecia, levantava-se como se o chamassem, e escutava. Então as faces desbo-

tadas ardiam de repente no carmim mais vivo; os olhos mortaes acendiam-se de luz sombria; e o corpo, pouco antes indifferente e passivo, animava-se ao fogo momentaneo do delirio, cortando o coração de piedade. Nestas occasiões, imaginando-se feliz e livre, fallava com a sombra do seu amor n'aquelle tom suave e intimo, que parece um echo d'alma, dirigia-lhe as phrases meigas que só a paixão diz, proferia as promessas extremosas, flores do sentimento, que brinca innocente e descuidado no meio das illusões! Eram horas inteiras de enlevo e adoração, longe dos homens, e do mundo, como as gosam os amantes entregues aos devaneios do coração. Entretanto, o extasis rompia-se depressa, qualquer objecto, qualquer palavra, o precipitava de repente nos ferros do martyrio; então os olhos, passando da doçura á raiva e o animo torvando-se com a angustia, imploravam com gemidos e imprecações a morte, como ultimo refugio desta dôr inconsolavel...

Mas entre os transportes mesmo, estando agitado o peito, e ardente o cerebro, com que paixão amava ainda! Como o pranto se desatava dos olhos sem lagrimas para os seus infortunios proprios, apenas desvairada a idéa lhe representava a imagem de Thereza, palida, prostrada aos seus pés, e com a vista quasi extincta a accusal-o, enviando-lhe o adeus supremo no suspiro cruel, avivava o ardor febril, as pupillas dilatavam-se illuminadas de sinistro brilho; os cabellos hirtos e o frio espanto da phisionomia acompanhavam o horror, que pintava a fronte livida; o gesto fito e immovel apontava para o chão, como se o corpo gentil alli jazesse. Umas vezes, olhando para as mãos, tremia, faltava-lhe a luz, e sumindo-as convulso parecia esconder o sangue, e cahia sem sentidos. Outras, recuando passo a passo, cheio de terror, estendia os braços adiante de si, como para desviar um fantasma, acabando por perder as forças em um grito de agonia, e por deixar de padecer algumas horas. O corregedor, tendo assistido á crise, retirou-se com os olhos humidos e o peito suffocado, exclamando que era cem vezes melhor a morte do que a vida em tal tormento.

Os medicos não davam esperanças; e declaravam que a sciencia ignorava o remedio destas affecções. Segundo elles, o mancebo aproximava-se do fim que pedia a Deus, como lenitivo dos seus males. O Camões do Rocio, que tivera occasião de observar de perto os progressos da molestia, todos os dias sahia mais triste e desenganado. O sorriso pallido e dorido de Jeronymo agradecendo-lhe as consolações, com que procurava adormecel-o; e o definhamento rapido que se lhe notava, advertiam o magistrado de que era necessario apressar-se junto do soberano, se queria arrancar o mancebo á morte, que o chamava. Mas como? Se podesse convencer Jeronymo a confiar-lhe os segredos, e a confessar a sua innocencia, seguro estava de que desfeito o ciume haveria logar para a clemencia. O nome que o capitão repetia nos seus accessos não era o que elle ouvira dar pelo principe á donzella desmaiada nos braços de Catharina de Athaide. Parecia-lhe que um equivoco occasionára a catastrophe; porém, não ousando perguntar ao rei, e não sendo possivel colher de Jeronymo o mais leve indicio, de que modo conseguiria romper as trevas, e achar a verdade, que um presentimento occulto lhe dizia ser a salvação de todos? O corregedor do crime de boamente faria auto de fé de todos os sonetos jocosos inspirados pela musa mais travessa para obter um fio que o guiasse neste labiryntho. Debalde! Desgraçadamente as pessoas que sabiam o segredo eram poucas e interessadas em o guardar.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

CURSO DE LITTERATURA ITALIANA— GREMIO LITTERARIO.

Nenhum povo deixa perder mais do que o nosso a optima e natural disposição que tem para fallar differentes linguas. Em Londres, a dois passos de Paris, com uma communicação de todas as horas, não se falla tanto, nem melhor francez do que em Lisboa: e a Inglaterra que tantos viajantes exporta annualmente com splen para a bella Italia não ouve com frequencia nos salões da sua sociedade a lingua do Dante e do Tasso. São quasi quatro milhões os habitantes de Portugal, e deste numero parecerá exaggeração asseverar que nem um aprende com a grammatica e subsidio do Diccionario a lingua de Cervantes. Correi o Alemtejo, a Beira e o Minho e ouvireis fallar perfeitamente o hespanhol. E nem argumentem com a raia que apenas nos separa. Um argumento facil destruirá a objecção. Bayona para a França poderá neste caso comparar-se com Elvas, e da cidade franceza fallam muito menos e peior hespanhol do que em a nossa praça de guerra. A Inglaterra manda-nos alguns

doentes para a ilha da Madeira — a lingua ingleza anda nessa ilha emparelhada á portugueza. E dos que voltam curados para a Grã-Bretanha poucos irão adiante de uma saudação em qualquer conversa portugueza. Esta aptidão extraordinaria para as linguas estrangeiras é um facto que temos prazer de considerar em relação á nossa posição geographica. Somos para o novo mundo a porta da civilisação do antigo. Lisboa está destinada pela sua posição para ser o emporio do commercio e da civilisação, estando ligada pelos mares a uma importante e riquissima parte do mundo; e devendo por outra parte levar por uma veia de ferro a circulação da vida commercial ao resto da Europa. Acreditamos em que ha sinas que as nações não deixarão de cumprir. O dedo de Deus lhe aponta para o seu destino, não ha calamidade assaz forte que as possam desviar da senda assim traçada. È portanto com sincero applauso que saudamos o pensamento do sr. Ravara expresso na carta que publicamos dirigida ao Gremio. Quanto a esta sociedade que se deixou morrer para as letras e sciencias, bom seria que a voz do illustre estrangeiro a fizesse passar dos seus desagradaveis passatempos para o trabalho proficuo da discussão, do ensino e da imprensa.

É de esperar que o acolhimento feito ao distincto poeta italiano corresponda ao elevado pensamento que o inspira.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Illm.os e exm.os srs. membros do gremio litterario. — Todos os homens teem uma missão nesta vida, ou que Deus lh'a tenha inspirado, ou que a sua livre vontade lh'a tenha insinuado sob a imperiosa lei das circumstancias. Ha alguns annos que eu tenho assumido a missão de derramar noticias poeticas do meu paiz, usando a lingoa das nações em que vou fazendo a minha romaria artistica. Esta missão parece-me tão honrosa e civilisadora como aquella que vos cabe, senhores, acolhendo e protegendo tudo o que julgaes ser feito para incremento e progresso das letras modernas. Julgo aqui inutil ou sobeja a enumeração das occasiões em que as duas linguas portugueza e italiana se mostraram irmãs, e se apertaram a mão nos maiores acontecimentos (para citar um exemplo) de Camões e de Tasso. Já illustrados philologos deste paiz me fizeram a honra de fallar neste assumpto, e prodigalisando-me a sua amisade e protecção, applaudindo os meus esforços para renovar o pacto de alliança entre as duas linguas, se referiram eruditamente a algumas verdades historicas e litterarias que deviam certamente deixar uma impressão favoravel no nosso coração e no de todos os sabios da vossa patria.

Alentado já nos meus primeiros ensaios e desejando mais e mais adiantar o trabalho honrosament começado, julgando tambem que vós, senhores, não deixareis de favorecer-me com o vosso patrocinio em tal occa.ião, tomo a liberdade de me dirigir á vossa illustrada sociedade a fim de que me concedaes uma sala do gremio litterario para um curso de poucas academias italo-portuguezas, em que eu traduzirei e commentarei as bellezas principaes dos poetas classicos italianos.

Assim como já no Oriente, na França e na Inglaterra eu tive a honra de receber a protecção dos sabios para este meu trabalho altamente litterario, espero tambem merecer em Lisboa a cooperação da vossa illustrada sociedade.

Tenho a honra de assignar-me com a mais alta consideração respeitoso servidor — *A. Galleano-Ravara.* — Lisboa, 3 de janeiro de 1853.

Illm.º sr. Galleano-Ravara. — O conselho director do gremio litterario recebeu com a mais viva satisfação a attenciosa carta, que v. s.ª se dignou dirigir-lhe, pedindo-lhe as salas da nossa sociedade, a fim de nellas poder fazer um curso de litteratura italiana traduzindo e commentando as bellezas principaes dos poetas classicos italianos.

O conselho director, desejando demonstrar a v. s.ª o alto apreço em que tem o seu merito litterario, digno por tantos titulos de maior consideração, e já devidamente avaliado pelas corporações litterarias de outras nações, appressa-se a communicar a v. s.ª, que acceita com o maior prazer o seu convite; e que as salas desta sociedade lhe ficam desde já francas para nellas poder fazer as suas leituras; devendo estas ter logar aos sabbados, pelas seis horas da tarde, para assim poder conciliar as demais conveniencias da mesma sociedade.

Sou com toda a consideração de v. s.ª — O secretario, *Paulo de Moraes.* — Gremio litterario, 10 de janeiro de 1853.

O FIM DO SEMESTRE.

Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

(Continuado de pag. 334.)

Pobre Theresa, o amor veio rematar todas as tuas desgraças, e aonde esperavas achar consolação e abrigo, encontraste o termo de tremendas desillusões, o epitafio do credo intimo da tua vida inteira, e dos teus innocentes e juvenis sonhos. Alma que busca no amor mais do que a expansão, o conselho e o conforto, se lhe atraiçoam a esperança e lhe escarnecem do affecto, não resiste nunca a tão dolorosas provações. Minada pelo desalento, ainda assim, Theresa, quiz tentar sobre si mesma um esforço heroico, e es-

quecer uma paixão que ella logo suppoz mal retribuida; mas, coração de mulher que deveras ama póde talvez conhecer o perigo, mas ha de como a mariposa crestar as azas brancas, senão morrer queimada na luz que lhe foi pharol de esperança, e que em breve se lhe converterá em lugubre e luctuoso facho.

Theresa deixara-se vencer por uma destas paixões ardentes e infelizes, de que o mundo zomba, e de que a mulher é victima. Innocente para poder acreditar que houvesse um homem que não correspondesse franca e lealmente a um verdadeiro amor, Theresa só se convenceu, pelas ultimas provas, a que abysmo fôra levada pela inexperiencia; e que já perante a propria consciencia e o seu pundenor de mulher lhe era impossivel a rehabilitação.

Os trances por que passou aquella alma, anteriores ao momento fatal de consumar um attentado, só os poderia imaginar quem instantes antes a visse com a cabeça pendida no peito, os olhos arrasados de lagrimas, e pronunciando palavras de suprema angustia. O trabalho caía-lhe das mãos, e por vezes ficava horas esquecidas sepultada no lethargo e na contemplação, crusando-se-lhe pela cabeça mil idéas desencontradas, que ella buscava repellir, mas que a vergonha e a dôr avivavam continuadamente.

Theresa fôra seduzida! O amor nasce da crença e alimenta-se e fortifica-se no silencio e no recolhimento do coração que se deixou vencer. Para a cegueira não ha evidencia; nem a imaginação se reduz aos frios calculos do raciocinio. Ai da mulher que não pensar antes do amor a ter vencido! Ai da donzella, que aos magicos sonhos do seu coração não anteposer, ou as insuspeitas provas do amor, ou as irrecusaveis demonstrações do egoismo alheio.

Theresa não foi assim, e perdeu-se. Para ella o ceu era sempre azul e sem nuvens, e a maldade que não tinha não se atrevia a suppol-a nos mais. O seu amor foi uma pungente e dolorosa elegia; começára por uma invocação ao tumulo materno, e terminou no suicidio. Rapido como todas as affeições vehementes, o amor de Theresa durou apenas o tempo que medeia entre a esperança e a saudade, dois sentimentos tão parecidos, tão irmãos, tão gemeos um do outro. A ella pareceu-lhe por algum tempo ventura o que era apenas o declive para um precipicio, e raiar desanuveado da aurora o que era simplesmente o incerto luzir da estrela da manhãa, ainda mal seguro de vencer a escuridão das trevas, e de dominar o tenue crepusculo que precede o nascer do sol.

Coração que sem rebuço se entrega ao amor, que o acceita sem calcular, que o sente sem o discutir, acontece-lhe como a Theresa; só quando chega o ultimo e irremediavel desengano é que deixa de poetisar a vida, e acredita então na fatalidade que nos arrasta para a insondavel voragem de que se não salva ninguem, nem os experientes do mundo, nem os que se entregam ás cegas ás candidas affeições de um irresistivel sentimento.

III

Havia quasi uma semana que Theresa não trabalhava. Os dias passava-os lendo e relendo cartas, que ella custosamente chegára a acreditar que fossem mentidas; tão repassadas de sentimento eram, tão inspiradas pareciam de uma verdadeira paixão! As noites, íam-se sem ella as dormir, e ora ajoelhava convulsa ante a imagem da santa do seu nome, ora, frenetica e em delirio, corria pelo aposento, como que procurando aquella que nem já a podia ouvir, nem aconselhar em mal tão sem remedio!

A final amanheceu o dia que devia ser para ella o ultimo. Theresa não se havia deitado; a noite anterior passara-a escrevendo o seu derradeiro canto, e já resolvida ao suicidio até lhe faltou o alento para ír á egreja, que era a dois passos d'alli, e d'onde de certo não voltaria com tão ruins pensamentos como os de que se havia deixado possuir pela desesperança, e que a oração e o recolhimento poderiam affastar-lhe da mente, enfraquecida pelas vigilias, e cançada de uma lucta esteril e prolongada.

Theresa tentára envenenar-se por umas poucas de vezes; mas era mulher, era ainda moça, e o braço tremia-lhe sempre. No dia a que este capitulo se refere, Theresa, sentiu-se obrigada ao desempenho do que escrevera na vespera, e o orgulho de mentir á sua vontade, levou-a a abreviar o desenlace da tragedia que premeditara, e receiosa de denunciar ao mundo a sua vergonha, antes do que ella suppunha o castigo de um erro, Thereza commetteu a loucura de rematar com o snicidio a serie não interrompida dos seus soffrimentos, e de se despedir d'aquelle que a impelira ao crime, n'uma elegia de que elle talvez se risse, antes mesmo de haver o tempo preciso para desapparecerem da terra, remechida pelo coveiro, os indicios de um cadaver sepultado de ha pouco!

O que se vae lêr, descreve a verdade do amor e o receio da vergonha que, Theresa, coitada, tentou mas não poude vencer, horas antes de consumar por suas proprias mãos o maior de todos os attentados. Nomes e datas não os pômos aqui de proposito, para que ninguem devasse segredos que são da campa, nem se abalance a conjecturas que o martyrio deve sellar com o silencio e o dó. A carta de Theresa é como se segue:

— « Escrevo mais para mim do que para ti mesmo. Mal com a minha consciencia, que se deixou vencer pelo teu amor, é a ella a quem me dirijo, e a quem consulto, no momento de tomar a unica resolução possivel que me resta, a de abreviar uma existencia que a ninguem é util, e de que ninguem terá saudade, nem mesmo talvez remorsos aquelle que me impelle a um crime, e atira com o meu nome á reprovação que não mereço.

— « O trabalho que sempre me alentou a esperança e fortificou na honra, nada poude contra ti. Julgava inspirar-me pela voz da minha consciencia, e nada mais fiz que ouvir os enganosos conselhos do teu egoismo. Hoje é-me impossivel a rehabilitação.

— « Daqui a poucos dias será o anniversario da minha deshonra, quero que o seja tambem para o anno o da minha morte. Se me perguntam porque hesitei tanto tempo, responderei com a verdade de quem vae deixar o mundo, que não cessei nunca de crêr no teu arrependimento, e que esperei sempre de ti reparação e justiça. Enganei-me; enganaste-me; eu não farei outro tanto, não posso acceitar outro amor que não seja teu.

— « Terminando, peço-te ainda me defendas quando me ouvires accusar de precipitada no passo que estou resolvida a dar. Só me deliberei a elle, conhecendo que não era mãe..... O valor que sinto para arrostar com a morte, não o teria de certo para o infanticidio..... São horas. Minha mãe espera por mim. Adeus. Sê feliz! »

THERESA.

Ao acabar de escrever esta carta Theresa ajoelhou. Por um espaço a oração sahiu-lhe dos labios fervente, dolorosa e intima. Depois ergueu-se e tirou do seio, que arfava em descompassadas ondulações, um retrato e um pequeno frasco doirado. O retrato era o delle..... a morte estava no frasco!

Passada meia hora, Theresa, palida e convulsa, luctava com os primeiros symptomas do veneno que tomára.

Tempo depois era um cadaver!

No outro dia os jornaes discutiam, em theoria, o suicidio, e mais de uma conjectura atrevida chegou a offender a memoria da infeliz, a quem o amor levára á desesperação... e ao crime. A moral escripta fez gemer os prelos; mas nem uma lagrima verdadeira, nem uma saudade desinteressada acompanhou aquella que fôra victima de um erro, que tantas encobrem aos olhos do mundo! Ao menos, Theresa teve a felicidade de morrer sem necrologia, e apenas um poeta sentimental atirou com tres sextinas á cova... da propria reputação. Felizmente ainda vivemos n'um paiz em que os dramaturgos não especulam com as catastrophes familiares. Em França, mais de uma platea choraria por procuração no monologo de um quinto acto em que Theresa dissesse o seu ultimo adeus ao mundo.

O çapateiro, meu Ciceroni, especie de carpideira antiga, vendo-me commovido, apertava entre o dedo pollegar e o minimo uma ponta de cigarro, amarello como elle, e puchava de vez em quando umas taes fumaças que fariam inveja ao tubo de um vapor da força de quinhentos cavallos! Lido no Carlos Magno, a hyperbole sahia-lhe fluente em mentirosos apartes, e o sentimento que elle queria mostrar em estropiados superlativos, mancos de senso commum, apenas logravam esfriar a narração do nosso O'Connel de tirapé e sovella.

— Então que lhe parece a *grandessissima* desgraça? Não houve aqui na rua quem não chorasse lagrimas de punho!

É necessario advertir que se todos fossem como os do çapateiro, corria a visinhança risco de um segundo diluvio; não obstante deixei passar a asserção e respondi-lhe:

« Ella, coitada, merecia-o. Soffreu devéras!

— Uma coisa é vêr, outra é ouvir.

« Bem sei que do vivo ao pintado....

— É isso....

E com maior presteza da que a com que deitaria uma tomba, o nosso homem, verboso como todos os do seu officio, entrou directamente na ordem do dia.

— Então serve-lhe a casa? Olhe que tem uma linda vista. De inverno é quente como um borralho e de verão...

« E de verão é fresca...

— Como uma cisterna.

« Sim, deve ser tambem; mas...

— Lá isso é outra é coisa. Se tem agoiro á casa não fallemos mais nisso. Desde que aconteceu a tal historia não me tem corrido a vida muito direita, e por isso acho rasão aos que tem arrelia ao predio.

« Ah! o negocio então vae-lhe mal?

— Se vae! Havia ahi uma pouca de gente desempregada que calçava cá da loja, mas apenas se pilharam com algum vintem, foram para *o francez*, e se v. mercê...

« Quer alguma coisa?

— Para tabaco se me fizesse favor. Quem tem o vicio, é desenganar, precisa disto como de pão. E accompanhando a palavra com uma apropriada mimica, o çapateiro mostrava-me de novo uma imperceptivel ponta de cigarro, que lhe ia tingindo as unhas de um amarelo torrado, pouco agradavel á vista e menos ainda ao olfacto.

« Tome lá, mestre.

E dei-lhe uns cobres que trazia comigo. O çapateiro, fallando, tinha ganhado uns tacões, e eu, ouvindo-o, os apontamentos para a historia que acabei de narrar. Daquelle momento tinhamos ficado quites um com o outro.

Apesar disso, o çapateiro como bom pagador que era, continuou d'ahi em diante a pagar-me de juros um cumprimento diario. Confesso sinceramente que lhe dispensava bem a urbanidade mas nunca me atrevi a dizer-lho.

O çapateiro entra ainda hoje no rol das pessoas de quem usualmente se costuma dizer: É uma das pessoas do meu conhecimento!

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Descobrimentos astronomicos. — Os jornaes francezes fallam de dois planetas, descoberto um em Paris no dia 15 do mez de novembro do anno findo, e outro em Londres no dia 16. Este acontecimento occupou toda a ultima sessão da academia das sciencias de Paris.

Entre Marte e Jupiter gravitam pequenos astros, denominados telescopicos porque só pódem divisar-se com o auxilio do telescopio. Desde o principio do seculo actual são já conhecidos 20 destes corpos, collocados todos com pouca differença a igual distancia do sol e pouco separados uns dos outros. A sua massa é relativamente minima; não exercem sobre os astros mais proximos influencia alguma, nem produzem no giro destes a menor perturbação. Sem duvida que a esta classe pertencem os dois planetas novos; o que todavia não poderá afirmar-se cathegoricamente sem que se hajam calculado de um modo completo os seus elementos todos. Serão o vigesimo primeiro e vigesimo segundo da serie. O mais extraordinario é que o primeiro foi descoberto por meio de um oculo vulgar por um homem de profissão muito alheio deste genero de estudos e observações, Mr. German Goldschmit, pintor de historia natural de Francfort e estabelecido em Paris ha 18 annos; e o que mais honra lhe dá é que estando pouco familiarisado com os methodos mathematicos soube calcular com rigor a posição do seu planeta comparativamente á de todos os outros e demonstar a sua existencia, como depois comprovaram muitos astronomos do observatorio.

THEATRO DE S. CARLOS.

Na *Lucrecia Borgia* de Donizetti fez M.me Rossi Caccia a sua reapparição sobre a nossa scena, depois de uma ausencia de mais de oito annos. Era grande a curiosidade dos frequentadores do theatro de S. Carlos de ouvirem de novo a cantora que tanto enthusiasmo lhes despertára em outro tempo. Foi portanto extraordinaria a concorrencia na noite em que subiu á scena a *Lucrecia*; — camarotes e platéa, tudo se achava apinhado de espectadores.

Apenas M.me Rossi Caccia se apresentou, foi saudada com um salva de applausos; — era um dever de cortezia e delicadeza, que muito folgamos se practicasse pelo publico. Foi depois esta dama applaudida em differentes peças, chamada ao proscenio depois do 2.º acto, e duas vezes no fim da opera.

Notamos, é verdade, alguma differença na voz de M.me Rossi desde que pela primeira vez a ouvimos em S. Carlos: além disso a sua escala não é mui extensa, principalmente nas notas graves, cuja falta já naquella época se tornava bastante sensivel. O seu canto, porém, é sempre animado e cheio de expressão — a sua voz de um timbre agradavel e vibrante, — a sua intelligencia artistica inquestionavel.

Na introducção do 1.º acto, mas principalmente no 2.º acto no *duetto*, *tercetto* e na *cabaletta*, naquelles lances tão dramaticos e difficeis, provou M.me Rossi o seu talento não só como cantora senão tambem como actriz, e foi por vezes applaudida com enthusiasmo.

É costume antigo entre os nossos *dilettanti* estabelecer comparações, quando se tracta de avaliar o merecimento de qualquer artista. Esta practica é realmente contra todas as regras da boa critica, pois o merecimento de um artista não destróe o merecimento de outro. E tanto assim, que sendo nós dos que mais admiram e apreciam o talento insigne de M.me Castellan, nem por isso deixaremos de tributar nossos elogios a M.me Rossi Caccia, que na verdade intendemos os merece, e não obstante haver a sua voz perdido alguma coisa da sua frescura primitiva esta dama possue bastantes recursos artisticos que a tornam credora do apreço do publico.

O sr. Swift a quem foi confiado a parte de *Gennaro* devemos confessar que excedeu o que haviamos antecipado a respeito do seu exito. Soube dar tal ani-

mação á sua bella voz, sempre suave e melodiosa, e tal desenvolvimento á sua acção, que o effeito que produzio no publico foi-lhe summamente favoravel. Não só cantou com expressão, como tambem, despertando da sua frieza habitual, e identificando-se com o papel importante que tem a representar, fez quanto se podia esperar de um artista principiante. Os repetidos applausos que tem recebido devem mostrar-lhe que o publico reconhece e avalia os notaveis progressos que elle vai desenvolvendo, e servir-lhe de incentivo para proseguir com perseverança a sua carreira artistica.

A sr.ª Ersilia Agostini é um elegante *Maffio Orsini*, que prende a attenção dos espectadores pelo desembaraço da sua acção, e pelo esmero com que executa o gracioso *brinde* na infausta cêa da *princeza Negroni*.

O papel de *duque* é perfeitamente desempenhado pelo sr. dell'Aste.

Ainda não tivemos occasião de alludir ao bonito *passo a dois*, composição de M. Cappon, e por elle dançado com sua consorte M.me Gonzaga Cappon. Este *passo* tem sido bem acolhido pelo publico, e na verdade, M.me Cappon é merecedora dos applausos que recebe, pela graça e elegancia da sua dança.

No domingo subio á scena o bailete de carnaval *As mulheres Ciosas*, producção do sr. Segarelli. Ligamos sempre pouca importancia a este genero de composições, nem por ellas julgaremos nunca do talento de qualquer coreographo. O que a nosso vêr é essencial nestas danças é que não sejam demasiadamente longas, e não apresentem scenas que do caricato descaiam facilmente no ridiculo. Não está em tal caso essa composição do sr. Segarelli, e por isso mesmo foi bem acceita. Os bailados são bonitos, distinguindo-se o *galop* final, tão brilhante e de tanto effeito, que provocando estrepitosos applausos da platéa, tem sempre de ser repetido, com visivel detrimento dos orgãos pulmonares do corpo de baile. O *passo a tres* dançado pelos conjuges Cappon e a sr.ª Moreno é digno de attenção, e tem sido applaudido, como tambem a *polka* pelas sr.as Costanza e Vicentini, e sr. Segarelli.

A sr.ª Costanza apresenta sempre a mesma propriedade e elegancia na sua mimica, quer seja nos papeis serios quer nos jocosos. Nesta dança representa ella com muito chiste a parte que lhe foi confiada, de que tira todo o partido, sendo bem secundada pela sr.ª Vicentini.

O sr. Segarelli vem optimamente caracterisado;—é o typo de um janota parisiense de meia idade, e mostra-se incançavel na execução e direcção do bello *galop* final.

Temos tambem a admirar uma bella scena, a do 1.º acto, que offerece uma linda perspectiva.

Teremos hoje finalmente o beneficio de M.me Castellan, com a *Pega Ladra*, de Rossini. Será uma noite de indelevel memoria, creio eu, para a illustre cantora e para o publico de Lisboa.

DEMETRIO RIPAMONTI.

BIBLIOGRAPHIA.

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA OU REPRODUCÇÃO DOS LIVROS NACIONAES, ESCRIPTOS ATÉ AO FIM DO SECULO XVIIII.

A BIBLIOTHECA PORTUGUEZA tem por fim generalisar o conhecimento dos bons auctores em todos os generos, e familiarisar todas as classes com os thesouros da nossa opulenta lingua. De hoje ávante será inutil aos applicados e curiosos irem procurar os depositos desses thesouros: são elles mesmos que os veem procurar, e com todas as vantagens e commodidades. As collecções que até aqui se faziam á custa de grandes despezas, poder-se-hão fazer agora com brevidade e por modicissimo preço. Toda a fortuna, por modesta que seja, ficará habilitada para compôr um peculio proprio de livros uteis ou raros. Para quem vive distante dos grandes centros de população onde só se encontram estes livros, que, pela maior parte, não se acham no mercado ou custam nelle um preço excessivo, esta publicação offerece tambem vantagens faceis de apreciar.

A BIBLIOTHECA PORTUGUEZA comprehende *historiadores*, *poetas*, *chronicas*, *viagens*, *romances de cavallaria*, *tractados*, *correspondencias*, *etc. etc.*

A publicação não se limitará a obras já impressas: publicar-se-hão tambem *manuscriptos*.

O texto será illustrado com *prologos*, *notas explicativas* e *noticias variadas* sobre a vida e obras dos auctores.

OBRAS PUBLICADAS PELA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA.

Obras de Bernardim Ribeiro.....	1 vol.
Obras de Gil Vicente.....	3 »
Obras de Luiz de Camões.....	3 »
Obras de Francisco de Moraes.....	1.º e 2.º »

ESTÃO NO PRELO:

Obras de Francisco de Moraes.....	3.º »
Obras de Francisco de Andrade — O Primeiro Cerco de Diu.	

Assigna-se no escriptorio da administração da BIBLIOTHECA PORTUGUEZA, Lisboa, rua Augusta n.º 110; e em casa dos seus correspondentes em todas as capitaes de districto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida *franca de porte* ao administrador da BIBLIOTHECA PORTUGUEZA.

As assignaturas da BIBLIOTHECA PORTUGUEZA fazem-se por series de folhas da maneira seguinte:

Serie de	30	folhas ou	1080	paginas por	600	réis.
»	60	»	2160	»	1$140	»
»	90	»	3240	»	1$620	»
»	120	»	4320	»	2$040	»
»	150	»	5400	»	2$400	»

O pagamento das series será adiantado.

As entregas serão feitas por volumes broxados.

Não se venderão avulso senão — *obras completas* — o seu custo será a rasão de 30 réis por folha.